

“SEGUIREMOS EM MARCHA ATÉ QUE TODAS SEJAMOS LIVRES” é o eixo que nos movimenta nesta 4ª ação internacional da Marcha Mundial das Mulheres. Com ela, queremos fortalecer a defesa dos “territórios das mulheres”, que são compostos por nossos corpos, pelo lugar onde vivemos, trabalhamos e desenvolvemos nossas lutas, nossas relações comunitárias e nossa história.

Esta é uma ação de mobilização para denunciar as causas que nos oprimem e nos discriminam como mulheres em todo o mundo. Ao mesmo tempo, é um amplo processo de formação política feminista para identificar as ameaças que as mulheres sofrem em cada região do planeta, e para construir de forma coletiva as nossas práticas e propostas de um mundo baseado na igualdade, liberdade, justiça, paz e solidariedade.

POR QUE MARCHAMOS

Estamos em marcha até que todas sejamos livres do sistema capitalista, patriarcal, racista e colonialista que nos oprime. Livres da concentração de terras e de sementes. Livres da violência, da criminalização de nossas lutas sociais, dos conflitos armados e das guerras.

Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres do mercado financeiro e das empresas transnacionais, que

4ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres



A 4ª ação foi lançada internacionalmente no 8 de março de 2015. No Brasil, diversas regiões do país realizarão ações descentralizadas até o 17 de outubro, no encerramento que será em Mossoró, no Rio Grande do Norte.

especulam sobre os bens comuns e atacam nossas conquistas e direitos obtidos após muitas lutas.

Somos milhões de mulheres que lutamos em todo o mundo contra a lesbofobia. Seguiremos em marcha construindo propostas e alternativas com base na autonomia das mulheres e na autodeterminação dos povos. Teceremos redes de solidariedade entre nós para promover igualdade entre as mulheres, entre as mulheres e os homens e entre os povos.

MARCHAS ENRAIZADAS: NAS LUTAS, RESISTÊNCIAS E ALTERNATIVAS

No Brasil, a Ação de 2015 será um processo enraizado em âmbito local. As atividades serão descentralizadas, para visibilizar as lutas que nós mulheres realizamos em nossos territórios, nossas resistências e nossas práticas que constroem novos paradigmas.

Nesta 4ª Ação internacional, a discussão, o combate e a construção de alternativas têm como eixo principal o direito ao nosso corpo, trabalho e território.

A marca de nossas ações é a auto-organização, a mobilização feminista, o respeito à diversidade e a alegria e irreverência, porque cantar, batucar e dançar, integram nossa marcha e o outro mundo que estamos construindo.

■ **Lançamento da Ação Internacional** no Kurdistan: mulheres marcham em apoio ao exército de curdas que resistem contra o Estado Islâmico na região.



■ **Ação Internacional** em Varzelândia, norte de Minas Gerais.

A AÇÃO NOS TERRITÓRIOS

Um mapa das nossas lutas, resistências e

Confira como foram as ações que aconteceram até agora e o que está planejado para acontecer nos próximos meses

1 AUTO-ORGANIZAÇÃO FEMINISTA EM DEFESA DOS TERRITÓRIOS: CONTRA O AGRONEGÓCIO!

15 A 17 DE ABRIL
PALMAS, TOCANTINS

Com faixas e batuques, as mulheres realizaram um ato em frente a empresa Bunge, afirmando a luta pelo direito ao corpo e ao território. Se reuniram no acampamento do MST, onde intercambiaram cantos e percepções sobre o enfrentamento ao machismo e ao agronegócio, e, juntas, fizeram um ato de fechamento da estrada.

Quando a autonomia e auto-determinação sobre o corpo de indígenas Karajás Xambioá foram violadas no restaurante universitário da UFT, as mulheres da MMM se somaram a manifestação pelo direito dos povos indígenas ao seu território e a sua cultura.

2 EM DEFESA DA ÁGUA, CONTRA A MINERAÇÃO!

17 A 19 DE ABRIL
VARZELÂNDIA, MINAS GERAIS

A ação foi aberta com 300 mulheres em marcha na cidade de Montes Claros. Depois, em Varzelândia, realizaram um grande processo de formação política e uma feira com a produção das mulheres. No dia 19 de abril, cerca de 3 mil mulheres percorreram as ruas denunciando os projetos de mineração na região e reivindicando mais acesso às políticas públicas de fortalecimento da agricultura familiar. A ação da MMM aconteceu junto com a V Marcha das Mulheres do Norte de Minas.

3 POR AUTONOMIA ECONÔMICA E CONTRA A MERCANTILIZAÇÃO DA NATUREZA

10 E 11 DE JULHO
REGISTRO, SÃO PAULO

Cerca de 500 mulheres de São Paulo e do Paraná se encontrarão na cidade de Registro, no Vale do Ribeira. O foco da ação é a luta por autonomia econômica. Também irão denunciar as licenças ambientais concedidas às construções



de barragens e às atividades de mineração que ameaçam comunidades tradicionais como quilombolas, indígenas e caiçaras da região. As marchantes defendem que é possível um outro modelo de reprodução, produção e consumo, afirmando os princípios, práticas e experiências da economia feminista e solidária e da agroecologia.

4 PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E POR OUTRO SISTEMA POLÍTICO

18 E 19 DE JULHO
GOIANA, PERNAMBUCO

A ação, que reunirá mulheres da Paraíba e Pernambuco traz as marcas de casos brutais de violência contra as mulheres

na região, como o estupro coletivo de cinco mulheres por 10 homens, seguido do assassinato de duas delas, na cidade de Queimadas. Com a ação, a proposta é fortalecer a auto-organização das mulheres no enfrentamento a violência sexista e à impunidade dos agressores. Outro foco desta ação é a luta para transformar o sistema político e democratizar o Estado.

5 MARGARIDAS EM MARCHA

10 E 11 DE AGOSTO
BRASÍLIA, DF

Vamos florir Brasília com milhares de companheiras do campo, da floresta e das águas, durante a 5ª edição da Marcha das Margaridas. O

eixo estratégico desta Marcha é: "Margaridas seguem em marcha por desenvolvimento sustentável com democracia, justiça, autonomia, igualdade e liberdade".

6 RESISTÊNCIA À MILITARIZAÇÃO

28 A 30 DE AGOSTO
RIO DE JANEIRO

Em 2013, ao menos seis pessoas foram mortas por dia pela polícia no Brasil. Os números mostram que são as negras e os negros os principais alvos dessa violência. Nossa luta feminista contra a militarização de nossos corpos, vidas e territórios pretende visibilizar não só as diversas formas de violência e precarizações que sofremos, mas que ainda

A 4ª Ação Internacional no mundo!

As mulheres de todas as regiões do planeta atenderam ao chamado à ação internacional e já estão em marcha! O que nos une é construção de uma força mundial feminista, anti-capitalista, anti-colonialista e anti-racista.

■ AÇÕES REGIONAIS

Cada continente está se organizando para construir momentos de ação comum.

O mundo árabe organiza um encontro para fortalecer as articulações e lutas comuns da Marcha na região.

Na África, uma série de acampamentos e encontros acontecem em preparação à ação que será no Quênia, região afetada pelo avanço do fundamentalismo religioso, pela militarização e pela violação dos direitos das mulheres.

■ CARAVANA FEMINISTA NA EUROPA

Teve início do Kurdistan a Caravana Feminista, que está percorrendo todo o continente europeu até chegar em Portugal, em outubro. As mulheres já passaram por diversos países como os da região dos balcãs, da Itália, Suíça e seguem a caravana fortalecendo as lutas e resistências às políticas de austeridade que precarizam ainda mais a vida e o trabalho das mulheres. Ao mesmo tempo, as mulheres defendem sua autonomia e o direito ao corpo, atacados pela direita conservadora que, assim como no Brasil, também está forte e articulada na Europa. Mas a caravana também reforça e dá visibilidade à potência transformadora do feminismo que constrói alternativas concretas na luta: como acontece entre as lutadoras kurdas, as mulheres gregas e as do estado espanhol.

AMÉRICAS

■ EM MARCHA ATÉ QUE NOSSO TERRITÓRIOS: TERRA E CORPO SEJAM LIVRES!

Aqui nas Américas, dois momentos marcam nossa ação comum.

No final de agosto, as mulheres da Marcha dos países do cone sul, que reúnem



■ 24 horas de solidariedade feminista em Bangladesh.

o Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Uruguai e Paraguai se encontrarão na Argentina em um momento de formação e mobilização de enfrentamento ao avanço das transnacionais extrativistas e do agronegócio sobre os nossos territórios.

E, em outubro, representantes de todos os países em que a MMM está organizada no continente se encontrarão no Panamá, em um momento de intercâmbio a partir dos acúmulos de cada ação para apontar os desafios e próximos passos da nossa luta articulada pela soberania dos povos e autonomia das mulheres.

■ 24 HORAS DE SOLIDARIEDADE FEMINISTA

Do Japão até o Chile, no dia 24 de abril, nos mobilizamos durante 24 horas, acompanhando o ciclo do sol ao redor da terra: as mulheres saíram às ruas das 12 às 13 horas, criando uma onda feminista.

Neste dia, relembramos a morte de centenas de mulheres fruto do desabamento do prédio Rana Plaza situado em Dhaka, capital de Bangladesh, em 24 de abril de 2013. O edifício abrigava oficinas de costura de lojas famosas no mundo, como a Benetton. A tragédia expressou a realidade de milhares de mulheres exploradas pelas indústrias da moda e beleza que escondem o horror do

trabalho sem qualquer direito ou proteção.

No Brasil, denunciamos o poder e a impunidade em empresas transnacionais, como o hipermercado Walmart e as lojas Renner, em todo o país. Denunciamos que a divisão sexual e internacional do trabalho se combinam para controlar e explorar a nossa força de trabalho. E que as imposições sobre o nosso corpo, acentuadas pela mercantilização, formam parte desse controle que propicia lucros para grandes empresas transnacionais da indústria da confecção ou de cosméticos.



assim somos nós, mulheres, que estamos à frente de muitos processos de resistência cotidiana – no morro e no asfalto.

7 DEFENDER OS TERRITÓRIOS, ENFRENTAR A VIOLÊNCIA

5 A 7 DE SETEMBRO
CAMPO GRANDE,
MATO GROSSO DO SUL

Nesta ação, o centro é fortalecer o diálogo e as lutas comuns entre mulheres para confrontar o agronegócio e o conservadorismo. A região é marcada pelo alto índice de violação dos direitos das mulheres, como: a prostituição, o tráfico de mulheres, feminicídios e a violência contra as mulheres indígenas.

8 PRIMAVERA DO DIREITO AO CORPO E À VIDA DAS MULHERES

26 A 28 DE SETEMBRO
SANTANA DO LIVRAMENTO,
RIO GRANDE DO SUL

Mil mulheres são esperadas na fronteira com o Uruguai, em uma ação de formação e mobilização em defesa da autonomia das mulheres sobre seu corpo e sexualidade. Esta ação irá marcar a luta pela legalização do aborto, pelo fim da hipocrisia que hoje mata, principalmente, mulheres pobres e negras pela clandestinidade do aborto.

9 NOSSAS RESISTÊNCIAS E ALTERNATIVAS FEMINISTAS: CORPOS E TERRITÓRIOS LIVRES!

15 A 17 DE OUTUBRO
DE BARBALHA A MOSSORÓ

No formato de uma caravana feminista, a ação terá início em Barbalha, no dia 15 de outubro, na região cearense do Cariri, território marcado pelos altos índices de violência contra as mulheres. O encerramento será no dia 17, com debates e intercâmbios sobre as alternativas que nós mulheres construímos: agroecologia, economia solidária, sustentabilidade da vida e soberania alimentar se fortalecem em 24 horas de uma virada cultura feminista que vai ocupar o espaço público de Mossoró.

Todas as crises – sejam elas ambientais, políticas ou econômicas – atingem diretamente as nossas vidas quando modificam nosso território e exploram nossos corpos e nossos trabalhos.

O modo de produção capitalista transfere custos de produção às mulheres e ao trabalho que realizam ao cuidar das pessoas, preparar os alimentos, realizar a limpeza, etc. Somos nós, as mulheres, gestoras da precariedade em nossas casas e em todos os espaços.

EM MARCHA PELA SUSTENTABILIDADE DA VIDA

Defendemos a sustentabilidade da vida humana para garantir uma relação harmônica entre a humanidade e a natureza. Lutamos por mudanças reais no modo de produção e reprodução e nos padrões de consumo. Queremos o reconhecimento do trabalho das mulheres e o compartilhamento das tarefas entre homens, mulheres e Estado.

CORPOS EM RESISTÊNCIA

Nossos corpos resistem todos os dias à violência que nos atinge porque somos mulheres, porque somos negras e porque somos lésbicas. Resistimos todos os dias ao assédio e à violência, tanto em nossas casas, como nos espaços públicos.

O capitalismo patriarcal se apropria do nosso trabalho, mas também dos nossos corpos na divisão sexual do trabalho instrumentalizada, na instituição do casamento heterossexual e da maternidade como norma, perseguindo as mulheres que sempre tiveram conhecimento sobre métodos contraceptivos. O mercado promove a prostituição, as mulheres na prostituição são estigmatizadas, e os homens mantêm seu poder em uma sociedade que apresenta as mulheres como disponíveis para eles.



FEMINISMO EM MARCHA EM DEFESA DE NOSSOS CORPOS, NOSSO TRABALHO E NOSSOS TERRITÓRIOS!

Marchamos pelo direito de viver nossa sexualidade sem imposições e coerções. Marchamos pelo direito de decidir sobre nossa vida e sobre a maternidade. Lutamos para que o aborto deixe de tornar as mulheres clandestinas e criminosas, mas que seja um direito exercido com autonomia.

PELA SOBERANIA SOBRE NOSSOS TERRITÓRIOS E MODOS DE VIDA

Assim como nossos corpos são nossos territórios, o local onde vivemos também nos pertence. É onde produzimos e nos desenvolvemos e não podemos aceitar as investidas das grandes empresas transnacionais do agronegócio e do extrativismo destruindo a natureza e alterando nossa forma de viver.

Afirmamos que a soberania alimentar é estratégica para a transformação da sociedade, porque orienta outra forma de organização da produção, distribuição e consumo de alimentos, pautada pelas necessidades da população e não pelos lucros das empresas.

EM LUTA PARA DEMOCRATIZAR O PODER

Estamos em marcha pelo direito à comunicação e pela democratização dos meios de comunicação. Combatemos a lógica mercantil da propriedade intelectual: queremos garantir a liberdade e pluralidade de informação, a neutralidade da internet e o respeito a nossa privacidade!

Reivindicamos uma profunda democratização

da política e do poder para romper com os privilégios da classe dominante e para garantir o sentido público do Estado. Demandamos ações emancipatórias construídas com base na soberania e na participação popular e em políticas de integração entre os povos, que se baseiem nos princípios de solidariedade, reciprocidade e redistribuição.

Nossa defesa da desmilitarização questiona o papel da elite do poder econômico nas intervenções militares realizadas pelos Estados, que em todo mundo resultam no controle de territórios com riquezas naturais.

RESISTÊNCIA FEMINISTA!

Nós mulheres estamos liderando resistências pacíficas em diferentes territórios do mundo, enfrentando a polícia em manifestações e ataques constantes diante da nossa organização e denúncia. Nós mulheres estamos construindo e visibilizando as formas cotidianas de resistência. Estamos propondo mudanças constitucionais e contribuindo aos processos de paz.

FEMINISMO COMO ALTERNATIVA

Com nosso trabalho e conhecimento histórico, desenvolvemos um grande número de experiências alternativas de gestão da vida, como a agroecologia e a economia solidária. Estamos desenvolvendo nossos próprios meios de comunicação – incluindo os considerados não convencionais, como as batucadas e o teatro de rua – e produzindo conteúdos e informações sobre a nossa realidade. Criamos estratégias para viver uma vida livre e sem violência, com justiça social e igualdade entre homens e mulheres.

EM MARCHA, ESTAMOS CRIANDO NOVAS CULTURAS, SONS E RITMOS, PINTANDO AS REDES, RUAS E ROÇADOS, ATÉ QUE TODAS SEJAMOS LIVRES!

